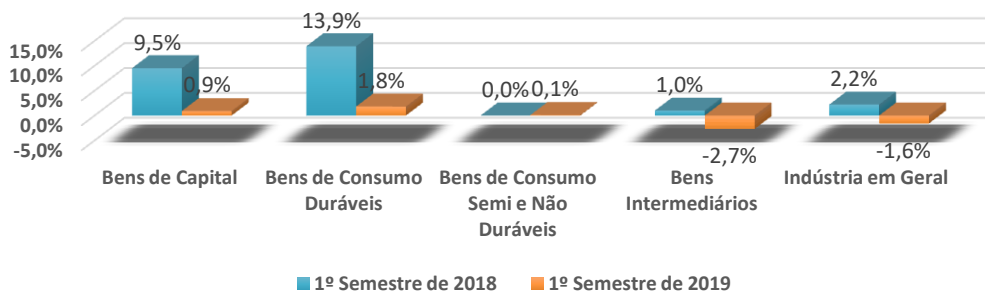




SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA SE MANTÉM ESTAGNADA

Gráfico nº - Indicadores da Produção Industrial do Brasil (igual período do ano anterior) - IBGE - Elaboração Grupo de Pesquisa IEL/FIEA



Nos primeiros seis meses de 2019 o comportamento da indústria brasileira em relação a igual período do ano anterior foi de retração de -1,6% enquanto havia crescido 2,2% nos primeiros seis meses de 2018, conforme gráfico nº 1. No tocante ao comportamento da indústria por categoria de uso final, segundo os dados do IBGE, os primeiros meses do corrente ano foram bem negativos para o setor de bens intermediários com queda de -2,7% quando comparado a igual período do ano anterior, de estagnação para o de bens de consumo não duráveis com crescimento próximo a zero e expressiva desaceleração nos ritmos de crescimento de bens de capital que passa de 9,5% para 0,9% e bens de consumo duráveis de 13,9% para 1,8%, respectivamente. O débil desempenho da indústria tem levado a seguidas revisões para baixo da mediana das expectativas dos analistas captadas pela pesquisa semanal realizada pelo BCB junto ao mercado financeiro, boletim Focus, tanto para o PIB como para produção industrial em 2019. No início do ano as previsões eram de crescimento de 2,5% para o PIB e 3,1% para produção industrial sendo ajustadas no relatório Focus de 19/08/2019 para 0,83% e 0,15% respectivamente. Continuou pesando

para o desempenho insatisfatório da indústria brasileira no primeiro semestre a elevada taxa de desemprego, cerca de treze milhões de desempregados, a resistência do Banco Central do Brasil a iniciar o ciclo de baixa da taxa básica de juros enquanto não houvesse sinalização clara da aprovação da reforma da previdência; a retração das exportações brasileiras em função da guerra comercial entre os EUA X China e a crise da economia argentina; e o impacto de Brumadinho na indústria extrativista. No tocante ao saldo comercial da indústria de transformação, o déficit frente à metade inicial de 2018, saltou de US\$ 9,6 bilhões para US\$ 12,7 bilhões ou 33,0%, em função da queda de -5,4% das exportações enquanto as importações caíram apenas -0,6%. Este resultado contribuiu para o quadro recessivo que a produção industrial tem enfrentado desde final do ano passado. Do ponto de vista das expectativas dos empresários, as perspectivas para a indústria brasileira no segundo semestre são bem mais satisfatórias. O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) da CNI registrou 59,4 pontos em agosto de 2019, após crescimento de dois pontos na comparação com julho. É o terceiro aumento consecutivo do indicador, que acumula alta de 2,9 pontos desde junho. O índice encontra-se

4,9 pontos acima de sua média histórica e 6,1 pontos acima do registrado em agosto de 2018. Três fatores, basicamente, explicam o maior otimismo dos empresários: i) a aprovação da reforma da previdência nas duas votações da câmara e perspectiva de votação célere no Senado sinalizando para o equilíbrio futuro das contas públicas; ii) início do ciclo de redução da taxa básica de juros selic com reflexos sobre o custo do crédito; e iii) liberação do FGTS/PIS/PASEP e seus impactos sobre o consumo das famílias. Dúvidas residem em quais serão os impactos do FGTS no consumo uma vez que parte pode ser usado para pagamento de dívida; da redução dos juros sobre os investimentos, principalmente com a indústria com estoques acima do planejado e elevada capacidade ociosa, e não há como desconsiderar os possíveis efeitos de um cenário externo adverso sobre as exportações da indústria brasileira devido a contenda China X EUA, ambos representam os dois maiores parceiros comerciais brasileiros, e principalmente a crise econômica da Argentina.

MERCADO JÁ TRABALHA COM SELIC DE 5,0%AA EM 2019

A pesquisa FOCUS realizada semanalmente pelo Banco Central do Brasil junto a várias instituições do mercado financeiro registrou em 19/08/2019 mais um ajuste para baixo na mediana das expectativas para a taxa básica de juros (selic) no final do ano de 2019, que passou de 5,75%aa para 5,0%aa. A principal razão para esta correção das estimativas é o contínuo afastamento da taxa esperada do IPCA para o final do ano da ordem de 3,71% do centro da meta de 4,25%. No balanço de risco realizado pelo Banco Central em suas reuniões do Comitê de Política Monetária (COPOM), os fatores que vem contribuindo para a queda do nível geral de preços como taxas de desemprego na economia e níveis de ociosidade e estoques elevados na indústria começam a ter uma influência maior sobre a taxa de juros básica do que o cenário externo adverso. A aprovação da Reforma da Previdência na Câmara também contribuiu para melhorar a expectativas quanto a relação dívida/PIB e, conseqüentemente, passou a refletir positivamente sobre os prêmios de risco com tendência de queda da taxa estrutural

de longo prazo. Tudo indica que a taxa de crescimento do PIB no segundo trimestre, assim como no primeiro, ficou muito próximo a zero a se considerar a média trimestral do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) - com ajuste sazonal, que registrou retração de -0,1% em relação ao trimestre anterior. Caso apresente resultados negativos em dois trimestres consecutivos, o que só se saberá com a divulgação dos dados do PIB pelo IBGE no final de agosto, a economia brasileira estaria tecnicamente em recessão. Todavia as estimativas de alguns analistas têm sido de crescimento no segundo trimestre do corrente. O Itaú projeta taxa de 0,5% enquanto o Bradesco e outras instituições do mercado financeiro taxas variando de 0,1% a 0,2%. O mercado não só aposta na continuidade dos cortes na selic pelo BCB nas próximas reuniões até o final do ano como também que os seus efeitos junto com os estímulos para fiscais (FGTS) ao consumo, a melhoria nos indicadores de confiança de empresários e consumidores em função das reformas e a queda no nível geral de indicadores de confiança de empresários e consumidores em

função das reformas e a queda no nível geral de preços induzirá um processo de retomada do nível de atividade econômica que será melhor percebido no último trimestre. Em síntese, a perspectiva é que teremos um segundo semestre com a economia rodando a um ritmo menos decepcionante do que no primeiro. A maior incerteza está no desenrolar da crise externa e seus reflexos sobre o dinamismo da economia global. Algumas economias como a da China, EUA, Alemanha apresentam desaceleração em suas taxas de crescimento e o risco de recessão moderada no caso americano no final de 2020 começa a aumentar. Isto porque historicamente toda vez que a taxa dos títulos de dez anos do Tesouro Americano fica abaixo da dos de curto prazo, como aconteceu recentemente, dezoito meses depois a economia dos EUA entra em recessão.

A PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA EM JUNHO DE 2019

Variações da Produção - Junho - 2019 - %				
	No mês (com ajustes sazonais)	Mes mo mês ano anterior	No ano	Doz e meses
Indústria Geral	-0,6	-5,9	-1,6	-0,8
Bens de capital	-0,4	-3,5	0,9	3,1
Bens intermediários	-0,3	-6,3	-2,7	-1,6
Bens de consumo	-0,8	-5,3	0,4	0,2
Bens de consumo duráveis	-0,6	-6,0	1,8	2,1
Semiduráveis e não Duráveis	-1,2	-5,1	0,1	-0,3
Extrativa Mineral	1,4	-16,3	-13,7	-5,6
Transformação	-0,7	-4,4	0,2	-0,1

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

O desempenho da indústria brasileira em junho de 2019 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, retração de -0,6%. Na comparação com o mesmo mês em 2018 a indústria registrou queda de -5,9% na produção. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “desde o início do ano passado, a indústria vinha apontando para uma recuperação cada vez mais fraca, que nem o fim das incertezas do período eleitoral conseguiu reverter. Ao contrário, o que se viu foi um agravamento do quadro que jogou o setor novamente em uma fase recessiva. Tanto

no último trimestre de 2018 como nos dois primeiros de 2019 houve perda de produção industrial. Ou seja, já não há recuperação industrial em um período equivalente a quase um ano. A liberação adicional de recursos do FGTS e do PIS, assim como uma nova rodada de reduções da taxa básica de juros (Selic), iniciada semana passada pelo Banco Central, são ações que podem ajudar a reverter a atual situação desfavorável da indústria, mas podem levar tempo para surtirem efeito. Por isso, o crescimento da indústria em 2019 não está garantido”. Ainda segundo o IEDI, “o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 75,0% em junho de 2019, registrando queda de -0,3 ponto percentual em relação a maio. O indicador continua longe de sua média histórica, que é de 80%. Já o indicador da CNI, voltou ao seu patamar mais baixa em 2019 na passagem de maio para junho, descontados os efeitos sazonais, ao variar -0,7 p.p. e chegar a 77,2%. Tal como ocorre no caso do indicador da FGV, a utilização aferida pela CNI permanece razoavelmente abaixo da média histórica do indicador, iniciado em jan/03, e que é de 80,9%.”

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

PRESIDENTE
José Carlos Lyra de Andrade

1º VICE PRESIDENTE
José da Silva Nogueira Filho

DIRETOR EXECUTIVO
Walter Luiz Jucá Sá

GERENTE UNITEC
Helvio Braga Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL

DIRETOR REGIONAL
José Carlos Lyra de Andrade

SUPERINTENDENTE
Helvio Braga Vilas Boas

COORDENADORA DE INOVAÇÃO E PESQUISA
Eliana Maria de Oliveira Sá

ELABORAÇÃO
Núcleo de Inovação e Pesquisa IEL/AL

EQUIPE TÉCNICA

CONSULTORES
Luciana Peixoto Santa Rita
Reynaldo Rubens Ferreira Junior

ESTAGIÁRIOS
Laura Vitória Chagas Lins
Lhara Maria Dias Magalhães
Luan Victor Ramalho Alves Martins
Thallyson Eduardo Alves Martins

CONTATO: (82) 2121-3079